



Bibliotecas universitárias UNITA: formação conjunta de utilizadores para combater a desinformação

Sandra Marques Pinto^a, Graça da Conceição Filipe Gabriel^b

^aUniversidade da Beira Interior, Portugal, smpinto@ubi.pt

^bUniversidade da Beira Interior, Portugal, graca.gabriel@ubi.pt

Resumo

O fenómeno da hipertransformação quotidiana, aliado à explosão da informação disponível e ao crescimento exponencial do uso de tecnologias da informação e comunicação têm conduzido à propagação de informação de acordo com as emoções e crenças individuais e não baseada em fatos. Nesta «era de pós-verdade» cresce a desinformação, a propaganda ideológica e a manipulação da opinião pública, que em tudo concorrem para o enfraquecimento da capacidade de análise e pensamento crítico.

As bibliotecas do ensino superior têm vindo a desenvolver mecanismos de fomento da literacia digital, de capacitação da comunidade académica de critérios de avaliação da veracidade da informação, de fomento do pensamento crítico e de desenvolvimento da pedagogia universitária de combate à distorção da verdade informativa.

Neste contexto, o Grupo de Trabalho de Bibliotecas de Ensino Superior da *Universitas Montium – UNITA* desenvolveu um projeto sobre competências em informação e recuperação da informação para ter um papel mais ativo no que toca à literacia digital e à literacia da informação de forma a combater a desinformação. Para iniciar o projeto, e para melhor conhecimento da comunidade académica UNITA, foram desenvolvidos pelo Grupo de Trabalho vários inquéritos por questionário sobre o tema da desinformação. Neste artigo propomos apresentar os resultados obtidos junto da comunidade académica da Universidade da Beira Interior.

Palavras-chave: Bibliotecas do Ensino Superior, *Universitas Montium – UNITA*, Desinformação, Formação de utilizadores, Universidade da Beira Interior, Grupo de Trabalho de Bibliotecas de Ensino Superior UNITA

Introdução

Vivemos atualmente numa hipersociedade hiperdigital (Delgado, 2018), instaurada pela invenção da Internet por Berners-Lee (1999). As principais características têm vindo a implicar uma profunda transformação em todos os aspetos da nossa vida quotidiana. Uma dessas características é a hiperinformação e hipercognição (Delgado, 2018), não só porque a explosão da informação disponível criou a necessidade de aumentar a capacidade de computação e construir sistemas de processamento, armazenamento e análise de megadados (*big data*), mas, sobretudo, porque a informação se tornou ubíqua em todas as áreas da nossa vida, desde os dispositivos biométricos, aos sistemas de videovigilância, ao trabalho por videoconferência, ao transporte em carros autoconduzidos, ao controlo remoto de qualquer equipamento em casa, às compras em linha, a cirurgias feitas remotamente, entre

outros. O próprio desenvolvimento de sistemas de inteligência artificial está já a expandir a inteligência humana, ao ponto de já se equacionar a sua relevância.

Outra característica é a hipervirtualização (Delgado, 2018), ou seja, a desmaterialização do que até agora era do domínio do físico e passagem progressiva para o ambiente virtual, esbatendo-se progressivamente as diferenças entre sistemas e aumentando a interoperabilidade entre múltiplas tecnologias da comunicação e informação (TIC). Atualmente um filme pode ser visto por *streaming* num ecrã de televisão, num portátil, num telemóvel ou num tablet instalado num carro. Esta hipervirtualização contribuiu para aumentar os sistemas de gratificação instantânea e a exigência de (re)ações imediatas, especialmente no contexto das redes sociais. Um *post* no Facebook de um *influencer* desencadeia imediatamente uma onda de «gostos» e de partilhas; um vídeo no YouTube pode tornar-se viral obtendo, em pouco tempo, milhares de visualizações e partilhas. Esta hiperinstantaneidade (Delgado, 2018) tem levado a inúmeros estudos, especialmente na área da psicologia, psiquiatria e neurologia que lhe atribuem características de dependência, podendo levar à depressão e ao suicídio (Andreassen, 2015; Jasso-Medrano & López-Rosales, 2018).

O fomento da produção massiva de conteúdos para a web pelos *prosumers* (Toffler, 1984) – aqueles que são, ao mesmo tempo, produtores e consumidores de informação – em canais facilmente acessíveis a todas as pessoas, tais como as redes sociais, levou a uma hipercolaboração (Delgado, 2018) para a criação, difusão, avaliação e atualização de conteúdos.

Contudo, no contexto desta arquitetura participativa em que a informação circula livremente, com a colaboração de múltiplos intervenientes ou anonimamente, nem sempre há necessidade de comprovar a autenticidade da informação ou alicerçá-la em fontes de informação credíveis. A disseminação da informação deixou de ser regulada por códigos éticos ou deontológicos, tais como os que regulam a profissão dos jornalistas (Araújo, 2021). A própria UNESCO tem alertado para a atual “desordem da informação” que os jornalistas, em particular, devem combater com transparência, independência, ética editorial e altos padrões profissionais (Posetti et al., 2019).

Há ainda de salientar que as redes sociais, em especial, aliam não só a circulação de informação sem qualquer critério de veracidade, tornando toda a comunicação instável, mas também a própria informação disponibilizada provém da personalização do acesso à informação feita por máquinas de busca ou plataformas sociais, algoritmos ou Inteligência Artificial (AI) que se baseiam nas ações de cada pessoa (ex.: número de *likes*, comentários) (Antunes et al., 2019; Parra Valero et al., 2021).

É igualmente preocupante o fato de a informação ter passado a ser percebida como verdadeira baseada apenas num conjunto de emoções ou crenças individuais sendo, inclusive, usada para a tomada de decisão. Por isso mesmo, muitos autores sugerem que vivemos numa “era de pós-verdade” (Araújo, 2021; Cooke, 2018; Siebert & Pereira, 2020; Silva & Santos, 2021) em que cresce um genuíno desinteresse pela veracidade da informação e “Guiado pela ideologia, o sujeito é inclinado a ser seletivo no que toca a suas crenças, admitindo como verdadeiras as informações que conferirem reforço discursivo à sua posição ideológica-histórica.” (Siebert & Pereira, 2020).

Por outro lado, a psicologia social há muito que postula que o ser humano, tendencialmente, procura o conforto psíquico, aceitando facilmente algo que vá ao encontro das suas experiências e crenças, e facilmente descartando o que vai contra, já para não falar na facilidade de adesão à conformidade social e à pressão dos pares (Araújo, 2021).

De facto, “Os problemas com a verdade e a falácia na Internet têm vindo a evidenciar-se, tornando-se num mar de navegação perigosa devido à quantidade de falsas verdades, desinformação, informação enganosa ou errónea – um conjunto de conceitos agregados no que é mais conhecido por *fake news*.”

(Antunes et al., 2019). Araújo refere ainda outras consequências negativas: enfraquecimento da democracia e consequente crescimento de regimes políticos totalitários, uma vez que para estes regimes interessa-lhes que as pessoas deixem de distinguir o verdadeiro do falso; consolidação do extremismo e/ou do populismo; difusão da cultura do ódio, do narcisismo e da violência; aumento do medo e da desconfiança (Araújo, 2021).

A informação tornou-se matéria-prima para fomentar diversas propagandas ideológicas, interesses políticos e manipular a opinião pública. Em última análise, o intuito da desinformação é enfraquecer a capacidade de pensamento crítico, a criação de «bolhas» de informação que privilegiam apenas uma visão específica do mundo, lançar o caos em prol de interesses obscuros, causar crises de valores e fomentar um clima anti-intelectualismo e anticientífico. Acresce a conversão do que é popular em legítimo, o enfraquecimento da compreensão da realidade por parte dos cidadãos, a diminuição do diálogo informado e da plena participação (Posetti et al., 2019).

O impacto negativo deste ambiente de desinformação levou a própria *International Federation of Library Associations and Institutions* (IFLA) a manifestar a sua preocupação com as consequências a nível da liberdade de expressão e acesso à informação (International Federation of Library Associations and Institutions, 2018) e a *American Library Association* (ALA) a reafirmar a importância de combater todas as formas de distorção da verdade informativa (Cooke, 2018).

A desinformação também é alvo de preocupação a nível da União Europeia que já propôs que cada Estado-Membro aumente a transparência da informação em linha, promova a literacia digital, desenvolva instrumentos para que cidadãos e jornalistas possam lidar com a desinformação e promova investigação especializada na área da desinformação para avaliar o seu impacto (European Commission & Directorate-General for Communication Networks, 2018). Mas apesar da consciência da necessidade de medidas contra a desinformação e dos planos elaborados a nível europeu, na realidade, ainda é necessário melhorar a coordenação no combate à desinformação a nível europeu, adotar estratégias mais eficazes de literacia mediática, melhorar a responsabilização das plataformas em linha, entre outros (Tribunal de Contas Europeu, 2021).

Um inquérito recentemente elaborado pela Comissão Europeia mediu as atitudes e a consciência dos cidadãos europeus perante a desinformação (European Commission & Directorate-General for Communications Networks, 2018). Concluiu-se que em todos os Estados-Membros os respondentes confiam menos na informação veiculada em fontes online do que em fontes tradicionais como a rádio, a televisão ou jornais/revistas impressas; a maioria diz encontrar notícias falsas pelo menos uma vez por semana e sente-se confiante nas suas capacidades para discernir quais as notícias falsas; a maioria acha que a existência de notícias falsas é uma ameaça à democracia e que são os jornalistas, as autoridades nacionais, a imprensa e os próprios cidadãos que devem ter maior responsabilidade em acabar com a desinformação (European Commission & Directorate-General for Communications Networks, 2018).

É, por isso mesmo, significativo o aparecimento de projetos de combate à desinformação, tais como o *The Trust Project* que trabalha a transparência, a exatidão e a equidade do jornalismo (The Trust Project, 2023), ou os projetos financiados pela União Europeia, tais como o *PROVENANCE*, o *SocialTruth*, o *EUNOMIA* e o *WeVerify* (Comissão Europeia, n.d.).

Também os profissionais da informação não estão alheios aos perigos e ao impacto da desinformação e, em muitos casos, estão já na linha da frente através de serviços especializados como a formação de utilizadores a nível da literacia da informação e literacia digital (De Paor & Heravi, 2020; Koltay, 2011; Mihailidis & Viotty, 2017; Silva & Dias, 2022; Sullivan, 2019).

Mais concretamente em ambiente universitário, esta pode ser uma área de atuação decisiva das Bibliotecas do Ensino Superior (BES) junto da comunidade académica, nomeadamente através de serviços especializados com o da formação e referência. Torna-se, pois, imprescindível e urgente intervir a nível da pedagogia universitária para consciencializar toda a comunidade académica para esta problemática, intervindo para alterar esta realidade, e formando utilizadores competentes (Sanches, 2013). Esta capacitação deverá ter em conta múltiplas competências: aptidão para reconhecer as necessidades de informação; capacidade de escolha das melhores fontes de informação e dos melhores métodos de pesquisa (incluiu-se aqui a capacidade de elaboração de equações de pesquisa); capacidade de seleção da informação mais pertinente tendo em conta critérios de verificação da veracidade da informação; domínio de técnicas para rastrear a informação até à sua fonte original e conceitos básicos de ética digital e de cibersegurança; capacidade de análise crítica para um uso efetivo da informação e consequente produção de conhecimento; capacidade para o uso eficiente de tecnologias de produção e partilha de informação (Antunes et al., 2019; Catts & Lau, 2008; Lopes et al., 2016; Sanches, 2013; Suryanarayana & Lingaiah, 2022; Volotão & Moraes, 2022).

Neste contexto, em 2021, foi criado um Grupo de Trabalho de Bibliotecas de Ensino Superior da *Universitas Montium* – UNITA (GT-BES UNITA).

A UNITA é uma aliança entre seis universidades europeias de cinco países: Universidade de Beira Interior, Universidad de Zaragoza, Université de Pau et des Pays de l'Adour, Université Savoie Mont Blanc, Università di Torino e Universitatea de Vest din Timisoara. Em conjunto, contam com 160.000 alunos e 13.000 funcionários (UNITA, 2022).

Apoiada pela Comissão Europeia na área da modernização do Ensino Superior, a UNITA foi criada a 6 de novembro de 2020 (data da 1ª reunião oficial) e os seus objetivos estão diretamente relacionados com o reforço do espaço académico e a construção de um novo paradigma de integração entre as universidades europeias. Pretende-se a criação de um espaço de intercâmbio de investigação numa ótica de enriquecimentos dos vários parceiros, através da partilha de ideias e competências, trabalhando nas áreas da mobilidade sustentável e na inclusão de territórios fronteiriços e de montanha. Esta aliança mostra-se também inovadora na abordagem que faz na comunicação de ciência entre pares, utilizando a intercompreensão entre as línguas românicas dos países das várias universidades intervenientes, promovendo assim a diversidade linguística na Europa.

O contributo do GT-BES UNITA passa pela partilha de experiências e boas práticas na área da formação dos utilizadores, disponibilizando-se recursos e ferramentas de formação em todas as línguas da UNITA (francês, italiano, espanhol, português e romeno), contribuindo assim para o ambiente de aprendizagem multilingue da UNITA.

O primeiro grande projeto conjunto deste grupo de trabalho centrou-se na imprescindível formação dos seus utilizadores, tendo sido escolhida a aquisição de competências para lidar com a desinformação. Para tal foi feita uma investigação inicial sobre o tema, tendo todos os parceiros partilhado artigos, relatórios e conteúdos de formações que já eram ministradas. O grupo dividiu-se posteriormente: um grupo ficou responsável pela delimitação de conteúdos comuns (incluindo escolha de suportes multimédia tais como vídeos, jogos e *quizzes*); o segundo focou-se na elaboração de inquéritos por questionário à comunidade académica UNITA de forma a apurar como lidam com a verificação de informação em diferentes meios de comunicação e aferir as suas necessidades formativas.

Por outro lado, esta área de atuação é propícia a múltiplas parcerias em cada instituição universitária. No caso da Biblioteca da Universidade da Beira Interior (Biblioteca da UBI) foi já estabelecida uma parceria com investigadores do LabCom, mais concretamente do *MediaTrust.lab – Local Media Lab for*

Civic Trust and Literacy. Este projeto inovador tem vindo a desenvolver estudos na área da desinformação em contexto de proximidade a nível local, procurando formar jornalistas e público relacionado a verificar a informação acedida de forma mais eficaz e eficiente. A colaboração com a Biblioteca da UBI foi já benéfica a nível da construção do inquérito à comunidade académica, e futuramente será igualmente crucial na construção de conteúdos e na comunicação e marketing da formação.

Método

A revisão da literatura efetuada na área da desinformação revelou-se fundamental para desenhar um inquérito por questionário, ferramenta escolhida pelo GT-BES UNITA para recolher dados num universo relativamente específico – a comunidade académica das seis universidades. O questionário é também um método amplamente usado para compreender motivações, medir o uso de uma ferramenta ou recurso, determinar o impacto de determinado recurso, serviço ou atividade através da recolha de dados na forma de valores de uma ou mais variáveis (Hill & Hill, 2008).

Os inquéritos originalmente delineados eram constituídos por um conjunto muito alargado de perguntas, podendo ser adaptados a cada comunidade académica UNITA. Na Biblioteca da UBI optou-se por colocar questões simples e diretas, organizando-se o inquérito em quatro questões iniciais e comuns a todos os respondentes. A primeira secção foi definida para solicitar apenas a informação mais relevante sobre os respondentes, nomeadamente a pertença a uma estrutura da UBI e a principal categoria. A questão 3. pretendia avaliar a frequência com que os respondentes faziam a verificação da veracidade da informação em vários meios de comunicação sendo, por isso mesmo, a mais complexa neste inquérito, apresentando, como opções de resposta, afirmações em que o respondente tinha de escolher entre o «Nunca» e o «Sempre», intercaladas por «Raramente», «Em 50%» e «Quase sempre». A questão 4 pretendia que os requerentes manifestassem o seu (des)interesse em frequentar formação na área da desinformação, sendo que a resposta positiva dava lugar a mais duas perguntas específicas sobre a tipologia de curso e os conteúdos a abordar na formação e a possibilidade de deixar o email para contactos futuros.

O questionário é, por isso mesmo, exclusivamente de perguntas fechadas, uma vez que são mais fáceis de analisar estatisticamente; de respostas qualitativas fornecidas que devem ser escolhidas pelo respondente e de respostas qualitativamente diferentes e mutuamente exclusivas (Hill & Hill, 2008). Para o inquérito foi igualmente assegurada a privacidade e confidencialidade dos dados providenciados, sendo obtido o consentimento informado de cada participante aquando do fornecimento do seu email. Este inquérito foi submetido ao Gabinete da Qualidade da UBI para análise e avaliação, tendo sido aprovado.

O inquérito, respondido unicamente *online* via plataforma *Microsoft Forms*, foi divulgado em toda a academia, através de cartazes impressos e *flyers* com o link e um *QR Code* distribuídos pelos espaços dos 3 edifícios que compõem a Biblioteca da UBI. A divulgação foi ainda feita por email via Gabinete de Relações Públicas, nas redes sociais da Biblioteca (página web e Facebook) e em ações de formação realizadas pela Biblioteca.

O período de resposta a este inquérito decorreu durante os meses de janeiro e fevereiro de 2023, e obtiveram-se 274 respostas, num universo de 9.356 possíveis respondentes (corresponde a 2,9%).

Resultados e Discussão

Na caracterização da amostra podemos observar que a maioria dos respondentes pertencem à Faculdade de Ciências da Saúde (42,59%), sendo que os restantes se distribuíram pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (17,77%), Faculdade de Artes e Letras (12,59%), Faculdade de Engenharia (10,74%), Faculdade de Ciências (9,25%), Gabinetes e Serviços (4,44%) e Centro da UBI (2,59%).

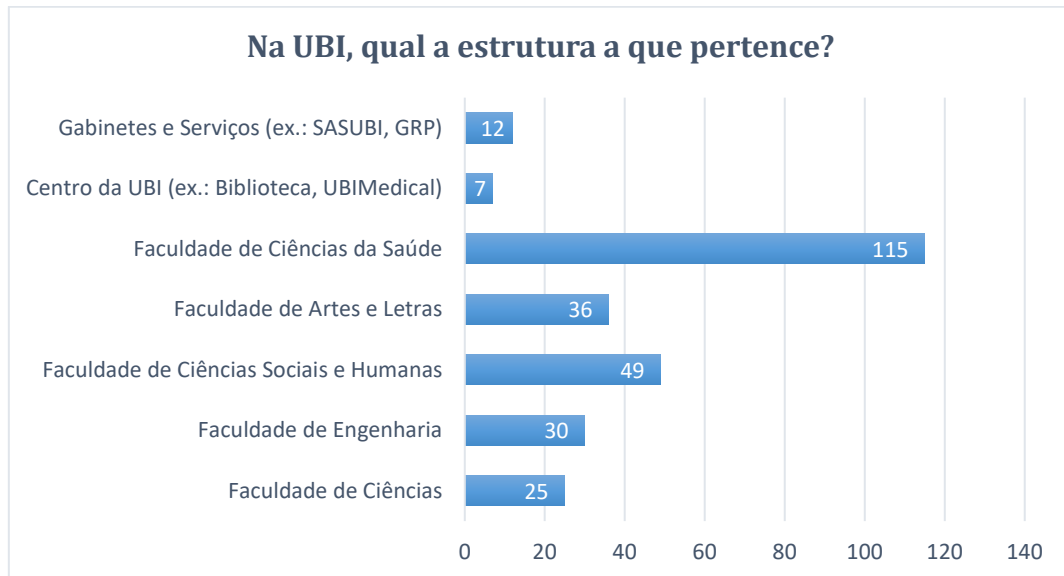


Gráfico 1 – Resultados do Inquérito | Questão 1.

A principal categoria dos respondentes refere-se a «Aluno(a) 1º ciclo» (53,70%), seguida dos «Aluno(a) 2º ciclo», «Docente/Investigador», «Aluno(a) 3º ciclo» e «Funcionário(a)».

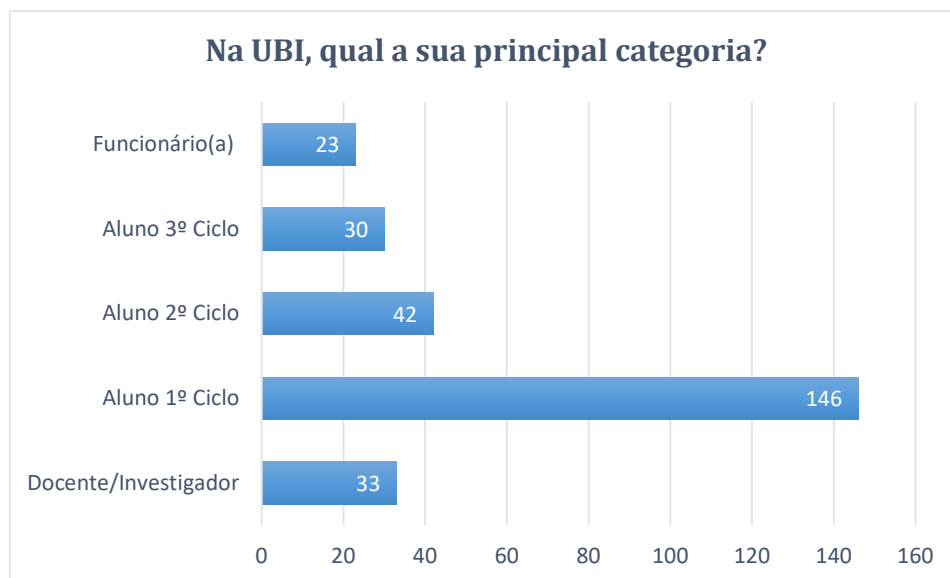


Gráfico 2 – Resultados do Inquérito | Questão 2

Para os resultados mostrados nos Gráficos 1 e 2, muito contribuiu a divulgação deste inquérito nas sessões de formação ao utilizador, que são habitualmente realizadas durante este período, aos cursos de 1º ciclo da Faculdade de Ciências da Saúde.

Para conhecer a perceção dos utilizadores quanto à frequência com que verificam a veracidade da informação consultada em alguns meios de comunicação foi proposta a Questão 3. Para avaliar o nível de confiança dos respondentes, inferimos que ambas as respostas em «Nunca» e «Raramente» corresponderiam a um maior nível de confiança; por oposição, ambas as respostas em «Quase sempre» e «Sempre» representariam um menor nível de confiança. Dos resultados obtidos, infere-se que os inquiridos têm um nível de confiança mais alto na informação que é veiculada em «Televisão» (78,3%), em «Livros impressos» (76,4%), em «Livros eletrónicos» (68,7%), em «Artigos de periódicos científicos impressos» (67,9%), em «Websites de entidades oficiais» (67,6%) e em «Artigos de periódicos científicos eletrónicos» (67,2%). Pelo contrário, as «Redes sociais de pessoas singulares» (49,9%), o «Email» (46,9%) e os «Websites pessoais» (30,3%) são quase sempre ou sempre alvo de verificação da veracidade da informação.

3. Com que frequência verifica a veracidade da informação que consulta nos seguintes meios de comunicação?

[Mais Detalhes](#)

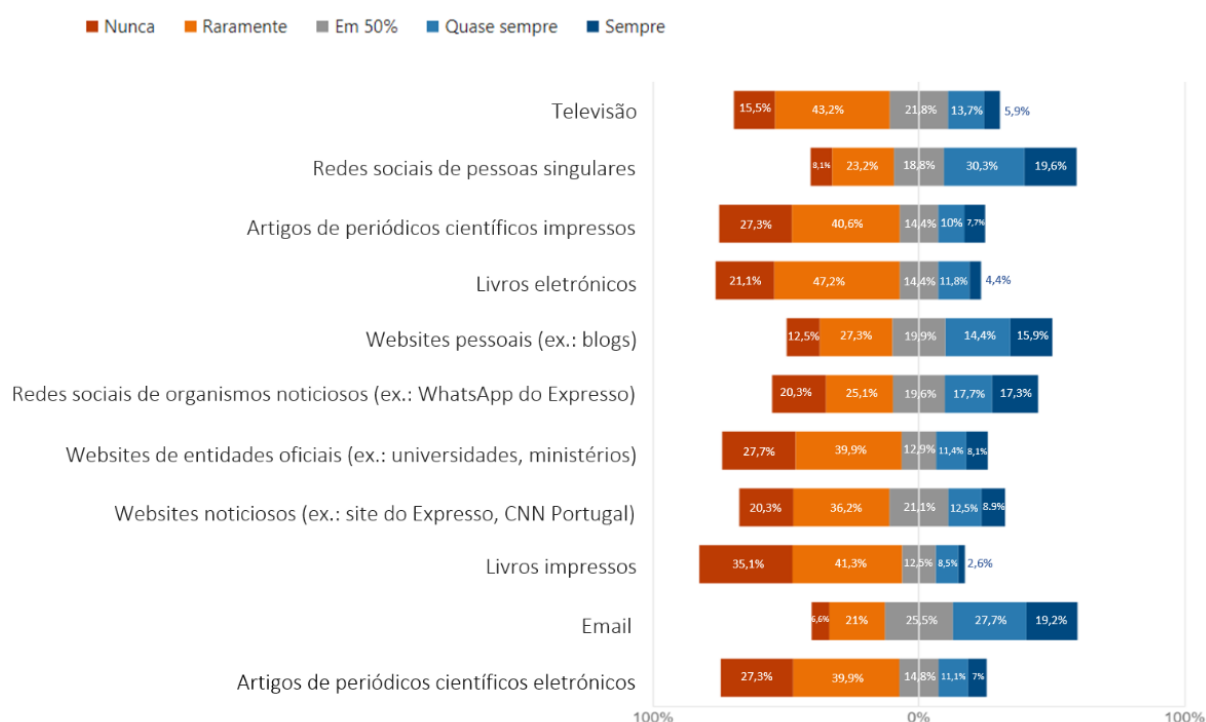


Gráfico 3 – Resultados do Inquérito | Questão 3

Se o nível de confiança depositado em informação validada por pares, como acontece em livros e artigos científicos é maior, ressalva-se que o formato eletrónico suscita uma ligeira diminuição dessa confiança. Por outro lado, foi surpreendente o grande nível de confiança registado relativamente a um meio de comunicação de massas como é o caso da televisão, sendo que esta realidade propicia a possibilidade de estudos futuros sobre quais os programas televisivos que mais obtêm credibilidade por parte dos respondentes. Estes resultados estão em linha com os já referidos do inquérito da Comissão Europeia, no qual os cidadãos europeus manifestaram uma menor confiança na informação veiculada em fontes online do que em fontes tradicionais como a rádio, a televisão ou jornais/revistas impressas (European Commission & Directorate-General for Communications Networks, 2018).

O objetivo deste estudo foi também conhecer o interesse dos utilizadores sobre a frequência de um curso sobre desinformação. Apesar de 55,71% dos respondentes não estar interessado em frequentar um curso sobre este tema, o que nos merece uma reflexão sobre as ações e os projetos futuros nesta área, um número significativo dos respondentes, 44%, acha pertinente ter formação adicional sobre este tema. No entanto, pensamos que estes resultados possam também ser efeito do facto da maioria dos respondentes serem alunos do 1º ciclo, não estando ainda motivados para estas temáticas. Esta é uma questão que irá ser debatida em reuniões do GT-BES UNITA para que, em conjunto, se possam decidir as próximas ações conjuntas e o tipo de utilizadores aos quais estas se destinam.



Gráfico 4 – Resultados do Inquérito | Questão 4

Dos respondentes que manifestaram interesse em frequentar um curso sobre desinformação, a maior adesão foi para as modalidades de «*Workshop* (até 1 hora)» e «*Ação de Formação* (1 a 2 horas)», que tiveram igual pontuação, e para a opção de «*MOOC* (*Massive Online Open Course* – curso exclusivamente online sem professor)». As propostas para assistir a uma ação em formato de «*Atividade lúdica*» ou «*Disciplina com créditos* (com 18 ou mais horas)» não teve manifestação de interesse significativa.

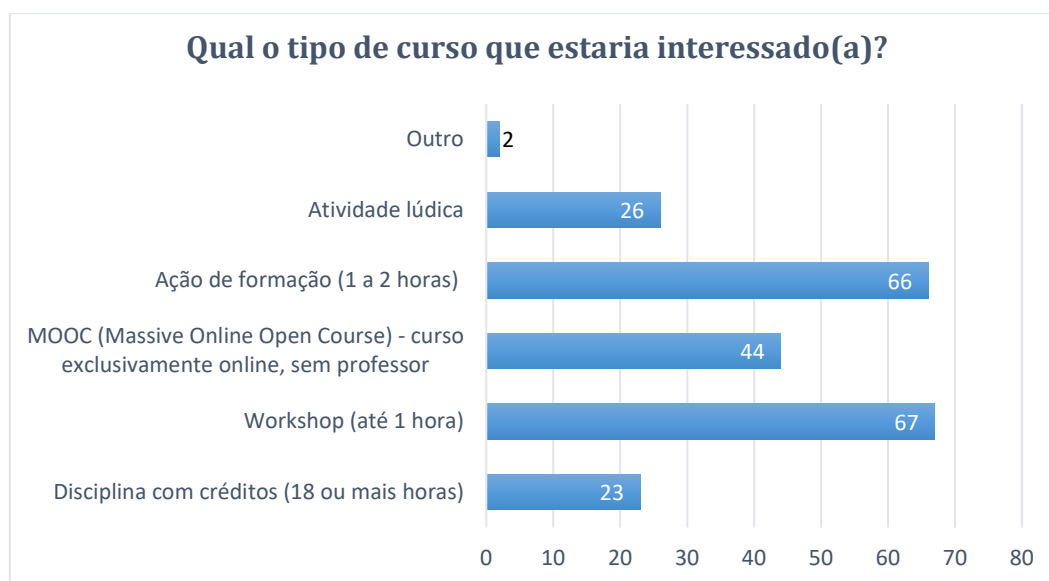


Gráfico 5 – Resultados do Inquérito | Questão 5

No caso dos conteúdos que poderiam ser abordados no decorrer do curso, a maioria dá mais ênfase aos «Critérios de avaliação da veracidade da informação» e «Como rastrear a informação até à sua fonte inicial». Com nível de interesse igual surgem os temas «Como detetar uma imagem editada», «Como detetar um vídeo falso» e a «Psicologia por detrás das notícias falsas». O «Desenvolvimento do pensamento crítico» e a «Definição de conceitos-chave (ex.: notícias falsas, desinformação, propaganda, embuste)» também foram considerados relevantes.



Gráfico 6 – Resultados do Inquérito | Questão 6.

Por fim, uma nota muito positiva neste inquérito, foi o facto de que 75 dos 120 respondentes que se mostraram recetivos a estas formações, terem deixado o seu contacto de email, na Questão 7, para serem futuramente informados sobre ações nesta área.

Conclusões

A primeira grande conclusão a destacar é que os resultados do inquérito por questionário realizado à comunidade académica levantaram inúmeras novas questões que a Biblioteca da UBI, em colaboração com outros parceiros, como é o caso das bibliotecas da UNITA ou investigadores da UBI, gostaria de ver trabalhados e aprofundados.

A questão da hipervirtualização de que nos fala Delgado (2018), é um desses exemplos, uma vez que encontra nas respostas deste inquérito alguma oposição, dado que tornou explícito que livros e artigos científicos eletrónicos têm um menor nível de confiança quando comparados com o formato impresso. Seria, pois, pertinente estudar-se de forma mais aprofundada o porquê desta menor credibilidade.

Será também interessante, em futuras formações, analisar mais profundamente os motivos dos níveis de (des)confiança apresentados na Questão 3, «Com que frequência verifica a veracidade da informação que consulta nos seguintes meios de comunicação?», uma vez que, em todas as opções fornecidas, foram registadas respostas em todos os níveis da escala. Destacam-se os elevados níveis de confiança apresentados em relação à televisão; seria pertinente elaborar um estudo mais minucioso sobre o tipo de programação que possa suscitar maior e menor confiança no universo da comunidade académica da UBI.

Por outro lado, apesar da informação veiculada em redes sociais, email e páginas pessoais ser a mais propícia a verificação por parte dos respondentes, a resposta «Nunca» e «Raramente» é ainda significativa, o que nos leva à questão já referida de que a informação é percecionada como verdadeira baseada em emoções e crenças individuais.

Salienta-se o interesse, por parte da Biblioteca da UBI, em colaborar com investigadores do LabCom, mais concretamente do *MediaTrust.lab – Local Media Lab for Civic Trust and Literacy*, em projetos relacionados com a área da desinformação.

Os resultados obtidos por este inquérito irão ser apresentadas numa reunião presencial do GT-BES UNITA, em março de 2023, na Université de Pau et des Pays de l'Adour, França, onde irão ser analisados os resultados de todos os inquéritos realizados nas seis bibliotecas parceiras e delinear o caminho futuro para a concretização desta formação.

Referências bibliográficas

- Andreassen, C. S. (2015). Online social network site addiction: a comprehensive review. *Current Addiction Reports*, 2, 175–184. <https://doi.org/10.1007/s40429-015-0056-9>
- Antunes, M. D. L., Sanches, T., & Lopes, C. (2019). Literacia da informação no combate às fake news: desafios e estratégias formativas no ensino superior. In *IX Encuentro Ibérico EDICIC 2019* (pp. 1–15). Barcelona. <http://hdl.handle.net/10400.12/7122>
- Araújo, C. A. Á. (2021). Pós-verdade: novo objeto de estudo para a Ciência da Informação. *Informação & Informação*, 26(1), 94. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2021v26n1p94>
- Catts, R., & Lau, J. (2008). *Towards information literacy indicators: conceptual framework paper*. UNESCO. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000158723>
- Comissão Europeia. (n.d.). Funded projects in the fight against disinformation: existing projects. https://commission.europa.eu/strategy-and-policy/coronavirus-response/fighting-disinformation/funded-projects-fight-against-disinformation_en
- Cooke, N. A. (2018). *Fake news and alternative facts: information literacy in a post-truth era*. ALA Editions.
- De Paor, S., & Heravi, B. (2020). Information literacy and fake news: how the field of librarianship can help combat the epidemic of fake news. *Journal of Academic Librarianship*, 46(5). <https://doi.org/10.1016/J.ACALIB.2020.102218>
- Delgado, A. (2018). *La sociedad hiperdigital: las 10 fuerzas que cambiarán nuestras vidas*. Libros de Cabecera.
- European Commission, & Directorate-General for Communication Networks, C. and T. (2018). *A multi-dimensional approach to disinformation: report of the independent High Level Group on fake news and online disinformation*. Publications Office of the European Union. <https://doi.org/10.2759/0156>
- European Commission, & Directorate-General for Communications Networks, C. and T. (2018). *Fake news and disinformation online: flash eurobarometer 464*. Publications Office of the European Union. <https://data.europa.eu/doi/10.2759/559993>
- Hill, M. M., & Hill, A. (2008). *Investigação por questionário*. Sílabo.
- International Federation of Library Associations and Institutions. (n.d.). How To Spot Fake News. <https://www.ifla.org/publications/node/11174>
- International Federation of Library Associations and Institutions. (2018). Build skills, fight censorship: IFLA's response to fake news. <https://www.ifla.org/news/build-skills-fight-censorship-ifla-s-response-to-fake-news/>
- Jasso-Medrano, J. L., & López-Rosales, F. (2018). Measuring the relationship between social media use and addictive behavior and depression and suicide ideation among university students. *Computers in Human Behavior*, 87, 183–191. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.05.003>
- Koltay, T. (2011). The media and the literacies: media literacy, information literacy, digital literacy. *Media, Culture and Society*, 33(2), 211–221. <https://doi.org/10.1177/0163443710393382>
- Lopes, C., Sanches, T., Andrade, I., Antunes, M. da L., & Alonso-Arévalo, J. (Eds.). (2016). *Literacia da informação em contexto universitário* (Vol. 4). Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Mihailidis, P., & Viotty, S. (2017). Spreadable spectacle in digital culture: civic expression, fake news, and the role of media literacies in “Post-Fact” society. *American Behavioral Scientist*, 61(4), 441–454. <https://doi.org/10.1177/0002764217701217>
- Parra Valero, P., Cuevas-Cerveró, A., Simeão, E., & Colmenero Ruiz, M. J. (2021). *Competencias en información y transformación digital de la sociedad*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, Facultad de Ciencias de la Documentación, Departamento de Biblioteconomía y Documentación.

<https://universoabierto.org/2022/03/22/competencias-en-informacion-y-transformacion-digital-de-la-sociedad/>

Posetti, J., Cherilyn, I., Wardle, C., Derakhshan, H., Matthews, A., Abu-Fadil, M., ... Mantzarlis, A. (2019). *Jornalismo, fake news & desinformação: manual para educação e treinamento em jornalismo*. (C. Ireton & J. Posetti, Eds.). Paris: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. www.mrclinton.be

Sanches, T. L. B. (2013). *O contributo da literacia de informação para a pedagogia universitária: um desafio para as bibliotecas académicas*. Universidade de Lisboa. <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/10773>

Siebert, S., & Pereira, I. V. (2020). A pós-verdade como acontecimento discursivo. *Linguagem Em (Dis)Curso*, 20(2), 239–249. <https://doi.org/http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017/200201-00-00>

Silva, J. E. da, & Dias, T. M. R. (2022). O papel do profissional da informação no combate e enfrentamento da desinformação: sob uma perspetiva para os arquivistas e bibliotecários. *Revista EDICIC*, 2(3), 1–16.

Silva, M. M. S., & Santos, L. A. (2021). Educação na era da pós-verdade: como lidar com esta realidade? In Z. P. Coelho, S. Marinho, & T. Ruão (Eds.), *Práticas Comunicativas, Organizações e Educação. Atas das VIII Jornadas Doutorais do CECS* (pp. 127–141). Braga: Universidade do Minho. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/3426

Sullivan, M. C. (2019). Libraries and fake news: what's the problem? What's the plan? *Communications in Information Literacy*, 13(1), 91–113. <https://doi.org/https://doi.org/10.15760/comminfolit.2019.13.1.7>

Suryanarayana, A., & Lingaiah, V. (2022). Transitioning from digital literacy to digital citizenship : issues and challenges of information and library professionals. *Journal of Positive School Psychology*, 6(5), 5230–5241. <https://journalppw.com/index.php/jpsp/article/view/7502/4899>

The Trust Project. (2023). The Trust Project: about us. Retrieved from <https://thetrustproject.org/about/>

Toffler, A. (1984). A ascensão do pró-sumidor. In *A terceira vaga* (pp. 264–288). Livros do Brasil.

Tribunal de Contas Europeu. (2021). *Desinformação na UE: fenómeno combatido, mas não controlado*.

UNITA. (2022). UNITA: Universitas Montium. <https://univ-unita.eu/Sites/unita/en>

Volotão, C., & Moraes, M. B. De. (2022). A promoção da competência em informação para a prevenção e controle da desinformação na universidade: o papel das bibliotecas universitárias. *Revista EDICIC*, 2(3), 1–14.